



BRUMADINHO. Equipes de todo o país e do exterior rumaram para Minas Gerais após a tragédia para ajudar



Lucas Lacaz Ruiz



Lucas Lacaz Ruiz

Fu gosto de fazer obras sociais. Sou missionária na igreja evangélica e trabalho como voluntária. Pensei em ir sozinha como minha filha de 12 anos para Brumadinho, mas vi que seria arriscado. Coloquei essa vontade de ir no Facebook e a adesão foi grande. A ideia era ir trabalhar no que fosse preciso: carregar, varrer, desde que pudesse ajudar.

Conseguimos um ônibus e fomos com a cara e a coragem, sem saber direito o que íamos enfrentar. Fomos muito bem recebidos. Dormimos na casa de um morador que perdeu 25 amigos.

Foi surpresa o que vimos lá. Foi um grande impacto ver a lama. Tem gente que perdeu três filhos de uma vez. Perdeu pai, irmãos, amigos.

As pessoas nos paravam na rua numa situação desesperadora, pedindo para encontrar pessoas. Uma criança me falou: "Tia, acha meu coleguinha que tá perdido na lama". Me emociono até hoje.

Eu cheguei a ir numa área quente e tive que sair de lá por causa da contaminação. Fizemos o cadastro de uma família em situação precária, numa área atingida pela lama, numa casa sem água, sem banheiro. A gente os encontrou e foram removidos.

SOLIDARIEDADE DANIELLE INICIOU MOVIMENTO DE 40 VOLUNTÁRIOS DO VALE

TIA, MEU AMIGO TÁ PERDIDO NO MEIO DA LAMA

Bombeiro civil e professora de informática, Danielle Gonçalves ainda se emociona ao lembrar dos dias que passou em Brumadinho: "Tragédia acabou com a vida"



Lucas Lacaz Ruiz

Tragédia. Rompimento de barragem devastou a cidade e fez centenas de vítimas fatais

Alguns do nosso grupo ficaram recebendo as pessoas, abraçando, atendendo. Um pai estava procurando o filho de 12 anos, chegou chorando e o consolamos.

Uma garota de 12 anos, a Isabela, pediu para tirar foto comigo e disse que queria ser bombeiro. Ela me abraçou e chorei muito com ela, que era tímida. O quarto da casa dela caiu com uma tempestade que deu lá dias depois da tragédia. Ajudamos a família dela. O quarto foi reconstruído.

Ficamos das 8h às 19h subindo morro de pedra e terra para ver a casa das pessoas, moradias distantes uma das outras. Levar água e atender.

O povo era uma mistura de esperança, luto e revolta.

Pessoas maravilhosas, acolhedoras. A revolta deles é em relação à empresa. Eles não aceitam que foi acidente, dizem que foi crime.

A tragédia foi da Vale, não de Brumadinho.

Foi a maior experiência da minha vida. Cheguei a ir para o hospital lá porque minha imunidade caiu, o psicológico ficou abalado. Não dá para descrever. Me coloco no lugar daquelas pessoas. Vi pessoas com o coração sangrando. Não é tristeza. É mais doloroso. ■

Por Danielle Gonçalves

MATHEUS NAIDEG

'Todo mundo está revoltado. Não foi desastre, foi crime', diz bombeiro civil

APOIO. Foi o amor ao próximo que nos levou para lá, umas 40 pessoas. Fomos muito bem recebidos. Só sabíamos do rompimento da barragem e da morte de pessoas. O impacto foi ver a destruição. É zona de guerra. Vimos muita área destruída, desmatada, muita lama, carros revirados, casas destruídas. Passamos por cima de uma casa de dois andares, por causa da profundidade da

lama. Nunca vi nada igual. A lama é pesada, tem cheiro forte de minério, uma cor marrom bem viva. Encontramos alguns segmentos de corpos. Quando a lama arrastou ela engoliu tudo. Sensação de luto geral. Não tinha um que não se comovia. Escutei áudio de criança chorando pedindo a volta do pai. A despedida foi emocionante. Ficamos com a sensação do dever cumprido. ■

177

MORTOS

era o número oficial de vítimas confirmado pela Polícia Civil de Minas Gerais até a tarde desta sexta-feira

305

QUILÔMETROS

é a extensão da contaminação das águas por causa do rompimento da barragem

CAMILA ALVES DA MOTA

'Carros passavam nas ruas com pessoas chorando', conta técnica de enfermagem

TESTEMUNHO. Nunca tinha visto algo assim. Cheguei ao local com lama. Além de ter a questão da tragédia da lama, teve uma chuva forte e destruí muitas casas. Vai demorar muito para recuperar o emocional dessas pessoas. Os carros passavam com pessoas chorando. A cidade em luto. Chorei demais. Quando ia para alojamento à noite eu desabava. No dia tem que manter cer-

ta frieza, e eu sou sentimental. É o mistério, a fragilidade da vida, instável, nunca sabe o amanhã. Acho que aprendemos a dar valor para a vida, para as pessoas, para a família. Teve um dia que houve um culto como se fosse de 7º dia, as crianças com fotos dos pais, e foi muito forte para nós. Um filho procurando o pai é triste demais. A gente sentia junto com eles. É inevitável. Pega a dor deles. ■